

Exmos....

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Começo por agradecer o honroso convite do Governo da Bahia para proferir algumas palavras sobre a "Actualidade da Lusofonia", convite a que naturalmente acedi com entusiasmo.

A escolha da Lusofonia como tema de debate inserido neste colóquio é revelador do interesse despertado pela nossa Organização no seio de importantes relações entre o Brasil e Portugal, Estados-membros da CPLP.

É importante que os países dediquem atenção às organizações internacionais de que fazem parte. Mas, no caso da CPLP, essa atenção é vital para que a Organização se desenvolva e afirme tanto no espaço em que nos inserimos como no plano internacional.

Na verdade, Brasil e Portugal têm uma responsabilidade especial relativamente à CPLP e que não pode ser rejeitada.

É verdade que somos uma organização que se fundamenta na solidariedade na qual cada Estado-membro, independentemente da sua dimensão ou riqueza, goza do mesmo estatuto que qualquer outro, por maior ou mais desenvolvido que seja. Por isso, e contrariamente à prática

corrente em outras organizações baseadas na língua, na CPLP não existe o Estado-líder. As responsabilidades, tanto nos encargos como na gestão da Organização, são partilhadas com base em critérios objectivos e aceites por todos.

Contudo, não pode ser secundarizado o facto de Portugal ser o país cuja História tornou possível a existência desta Comunidade. Ali nasceu a língua que nos une, dali partiram as caravelas que proporcionaram os encontros de culturas e civilizações e de que resultaram os traços culturais e afectivos que nos ligam. (...UE).

Da mesma forma, todos os Estados-membros da CPLP reconhecem, também, o papel central do Brasil enquanto alavanca da Lusofonia. Não só pela história comum, não só por ser o país com um maior número de falantes, não só por se avizinhar como uma potência económica global, mas por tudo isto e porque é notório ser a CPLP é uma das suas prioridades da política externa.

Embebido nos objectivos da CPLP está todo um passado histórico-cultural, que ainda não trouxe um consenso para a definição da palavra que melhor define esta Comunidade: será comunidade lusófona?

Há posições discordantes que indicam que a Lusofonia abrange territórios não incluídos na CPLP e que no espaço da

nossa organização há populações que não falam a Língua Portuguesa nem são de cultura lusófona.

Porém, creio que podemos afirmar que a palavra “Lusofonia” nasce com a lógica de intervenção para o desenvolvimento do espaço lusófono, dos países de expressão oficial portuguesa, com os próprios vectores de actuação da CPLP – cuja abrangência é bem definida pelos seus estatutos.

Numa primeira análise, o conceito de “Lusofonia” pode ser associado a palavras como a Francofonia ou a Anglofonia e acarretar consigo uma carga presumivelmente pós-colonial. De entre alguns estudos sobre esta matéria, realça-se o sentido geográfico do termo que engloba um conjunto de países e de povos cuja língua materna, corrente ou oficial, é o português.

A “Lusofonia” também pode ser interpretada como um sentimento, como uma alma, como um desejo de viver em conjunto, partilhando um passado comum. E, talvez a dimensão mais vasta do termo, designa o conjunto dos Estados e organizações que trabalham em conjunto com o objectivo de desenvolver a língua e as sociedades, internamente e por *fora*.

A Lusofonia na actualidade, creio eu, é um termo que obedece ao princípio da globalização e interdisciplinaridade onde se almeja afirmar uma identidade comunitária, para além da questão linguística.

Há aqui um paralelismo inevitável entre os objectivos da CPLP e a dimensão lata da Lusofonia: A actuação da organização também não se cinge à promoção e difusão da Língua Portuguesa, uma vez que são também vectores de actuação a concertação político-diplomática e a cooperação em todos os domínios, com especial destaque, na Saúde, Educação, Cultura, Agricultura, energia entre outros.

Chamando-lhe Lusofonia ou CPLP, verificamos que a nossa comunidade tem um alcance global, a sua abrangência envolve, na actualidade, os governos, ONG, sociedade civil, religiões, entre outras áreas do comportamento humano em sociedade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

A percepção das vantagens da existência de uma Comunidade de Países tendo como fundamento a partilha da língua e a existência de traços culturais e valores comuns, resultado da sua convivência histórica, foi sendo acolhida, ao longo dos tempos, por vários pensadores brasileiros, portugueses,

africanos e outros. A situação colonial, porém, não facilitou a concretização dos ideais esboçados por esses pensadores visionários.

A criação, em 1977, do grupo dos Países Africanos de Língua Portuguesa, viria a estabelecer o primeiro fórum de concertação política e diplomática que tem o português como veículo de comunicação. As diligências da diplomacia portuguesa e brasileira junto dos PALOP e os debates organizados com a participação de políticos e intelectuais de todos os países permitiu a elaboração de consensos que acabariam por desembocar na Declaração Constitutiva da CPLP de 17 de Julho de 1996, assinada em Lisboa pelos Chefes de Estado e de Governo dos então sete países de Língua Portuguesa.

Recordo que Timor-Leste aderiu mais tarde, logo após a sua independência...porém, relembro que a resistência timorense assistiu a cimeira como Observador.

Não posso deixar de destacar a convivência dos povos ao longo dos séculos que, apesar das contradições e conflitos que registou, acabou por gerar um relacionamento humano durável e promover um sentimento de pertença a um espaço comum.

Os objectivos da CPLP, a que me referi anteriormente, partem do reconhecimento, por parte dos Estados e das sociedades,

da existência de elementos integradores que apontam para os benefícios de uma acção coordenada e solidária em vários planos de actuação, desde logo ressaltando a vantagem da utilização de uma língua comum, facilitadora do diálogo e entendimento, da formação e consolidação de relações humanas.

Os Estados têm sabido, cada vez mais, identificar interesses convergentes à volta dos quais seria possível congregar esforços e realizar projectos comuns de interesse para o bem-estar e o desenvolvimento das respectivas sociedades. A concretização dos objectivos da CPLP nos últimos anos é inquestionável, apesar de ainda muito estar por fazer.

A Língua que partilhamos e que queremos agora, com este novo fôlego da CPLP, promover à escala global é o mote para que os nossos princípios e valores vingam, em prol dos nossos povos.

A língua constitui o instrumento de comunicação por excelência. Mas, mais do que isso, é um modo de ser e um modo de estar, assumindo assim uma dimensão política e uma dimensão económica, correlacionadas. Para os povos que falam português, é uma garantia fundamental de identidade num mundo progressivamente mais global e mais competitivo.

Um bom exemplo, uma medida importante, foi a promovida por Portugal, que ocupa a presidência da CPLP até 2010, foi

A atualidade da Lusofonia

propiciar aos nossos países os serviços de tradução que possibilitaram intervir em português na última Assembleia das Nações Unidas, há poucas semanas, reforçando a Língua no cenário internacional.

Só o entusiasmo e o esforço generalizados dos que, no Brasil, em Portugal, em África e na Ásia falam a língua portuguesa, poderemos vencer o desafio da Lusofonia.

Muito obrigado!